



Imagem da Capa

Projeto Gráfico: Marcelo Pires de Araújo


Espetáculo: *LaMalasangre*

Direção: Tefa Polidoro e Elaine Nascimento

Foto: Luccas Oliva

Para citar este Editorial:

GISLON, Giorgio; BAUMGARTEL, Stephan; GUZZO, Marina; FRAGA, Marina; DUENHA, Milene; PIRES, Rafaela Blanch. Editorial – Dossiê: Artes vivas e o Antropoceno/Capitaloceno II. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 57, abr. 2026.

 10.5965/1414573101572026e0901



Urdimento REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS E-ISSN 2358.6958
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

CHAMADA DE TRABALHOS: v.3, n. 56, de dezembro de 2025

DOSSIÊ TEMÁTICO
As artes vivas
e o Antropoceno/
Capitaloceno

SUBMISSÕES ATÉ 20/09/2025






Comitê Editorial – Este Dossiê Temático foi coordenado por: Giorgio Gislon, Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Stephan Baumgartel, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); e composto por: Marina Guzzo, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Marina Fraga, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Milene Duenha, Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e Rafaela Blanch Pires, Universidade Federal de Goiás (UFG).


Editorial do Dossiê Artes vivas e o Antropoceno/Capitaloceno II

Giorgio Gislon¹ | Stephan Baumgartel² | Marina Guzzo³ |
Marina Fraga⁴ | Milene Duenha⁵ | Rafaela Blanch Pires⁶


As mudanças climáticas produzem desastres ambientais e sociais cada vez maiores e mais frequentes. Para evidenciar essas mudanças em sua interação com o ser humano, o nome Antropoceno foi proposto como denominação de uma nova época geológica definida pelo impacto humano na geofísica do planeta. Esse conceito já ultrapassou as fronteiras dos debates

¹ Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista de pós-doutorado do CNPq. Doutorado em Teatro pela UDESC. Mestrado em Artes Cênicas pela Leiden University, Holanda. Mestrado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduação em Teatro pela UDESC. Graduação em Letras – Português pela UFSC. Prof. Dr. da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

 giorgiogislon@gmail.com  <http://lattes.cnpq.br/3399458434426385>  <https://orcid.org/0000-0003-3744-5305>

² Pós-doutorado em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado pela Universidad Nacional de Colômbia – Bogotá (UNAL). Doutorado em Literatura da Língua Inglesa pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestrado em Letras Inglesas pela Ludwig-Maximilians-Universität München (LMU) – Alemanha. Mestrado profissional em Segundo Staatsexamen Lehramt Gymnasium - Secretaria de Educação do Estado Berlim (SECBERLIM) - Alemanha. professor titular da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) na área de história do teatro, estética teatral e dramaturgia.  stephao08@yahoo.com.br

 <http://lattes.cnpq.br/8439378198120294>  <https://orcid.org/0000-0002-7769-1108>


³ Pós-Doutorado pela Freie Universität Berlin, FUB, Alemanha. Pós-Doutorado pela Universidade de São Paulo (USP). Doutorado e Mestrado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, (PUC-Campinas). Graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Profa. Associada da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).  marina.guzzo@unifesp.br




 <http://lattes.cnpq.br/5559657064845007>  <https://orcid.org/0000-0001-5523-3037>


⁴ Doutorado e Mestrado em Arte e Cultura Contemporânea pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Artista, pesquisadora e professora adjunta no Depto. de Artes Visuais Escultura da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Colaboradora no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRJ, na linha Poéticas Interdisciplinares.

 marinafraga00@eba.ufrj.br

 <http://lattes.cnpq.br/2013924313703633>  <https://orcid.org/0000-0001-9930-2612>

⁵ Doutorado e Mestrado em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Licenciada em Artes Visuais pela Faculdade Claretiano, bacharel em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Londrina (UeL). Especialização em Artes visuais / Arte educação UeL. Graduação - Licenciatura em Artes Visuais. Claretiano Rede de Educação, CRE, Brasil. Graduação em Artes Cênicas. UeL. Profa. Titular no curso de Licenciatura em Dança na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) - campus Curitiba II. 

 miduenha@yahoo.com.br  <http://lattes.cnpq.br/5227467362015897>  <https://orcid.org/0000-0002-2316-0408>

⁶ Doutorado em Design pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrado em Têxtil e Moda pela USP. Graduação em Bacharelado em Moda e Estilismo pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Graduação em Letras-Alemão, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Profa. Efetiva do curso de Direção de Arte e Teatro Licenciatura, bem como, do Programa de Pós Graduação em Artes da Cena da Universidade Federal de Goiás (UFG). Coordena também o projeto de pesquisa Adalab: Estudo da Forma e da Interatividade nas Artes da Cena através de Meios Digitais, além do projeto de extensão "Trama: Caracterização, Figurino, Teatralidade e Performatividades". 

 <http://lattes.cnpq.br/5634631010017373>  <https://orcid.org/0000-0002-9260-4033>

científicos e circula agora nas discussões das ciências humanas e nas notícias das mídias liberais. Já o termo Capitaloceno, que ainda não é tão difundido, identifica diretamente o modo de produção capitalista como o responsável por essa nova época geológica na qual estamos vivendo. Diante do Capitaloceno, a ação política global urgente para diminuir o impacto da poluição industrial sobre o planeta depende, todavia, de acordos políticos negociados lentamente. Acordos que muitas vezes são sabotados por governantes e corporações multinacionais cujo objetivo de gerar lucro desmente preocupações com o futuro do planeta, com o futuro da humanidade e com o futuro dos seres mais-que-humanos.

No ano de 2025 aconteceu a COP 30 (Conferência das Partes) da ONU (Organização das Nações Unidas) em Belém do Pará - a primeira COP no Brasil. O evento, que teve muitos debates interessantes sobre avanços no que seria um possível "mapa do caminho" para a futura eliminação do uso de combustíveis fósseis no planeta, deixa evidente a contradição estrutural entre os compromissos climáticos globais e a permanência do poder político-econômico das grandes empresas. Embora a conferência seja apresentada como um espaço de negociação multilateral para limitar o aquecimento global, estudos recentes mostram que o lobby das corporações petrolíferas têm se intensificado dentro das COPs, moldando agendas, atrasando regulamentações e promovendo estratégias de transição que preservam seus interesses. Na COP 28, por exemplo, houve recorde de representantes ligados à indústria fóssil, e na COP 30 parece que essa também foi uma tendência, dada a dependência econômica regional da exploração de petróleo e gás na Amazônia e seu entorno. Essa presença corporativa cria um paradoxo: enquanto os países discutem caminhos para o fim dos combustíveis fósseis, as próprias empresas responsáveis pela maior parte das emissões participam ativamente das decisões, promovendo soluções tecnológicas e mecanismos de compensação que prolongam sua relevância e adiam o declínio do setor. Por isso, é impossível pensar em tratar o tema das mudanças climáticas sem olhar para as questões políticas e econômicas que regem o planeta. Ao propormos como título do dossiê Artes Vivas diante do Antropoceno/Capitoloceno nós, como pessoas editoras, gostaríamos de evidenciar essa relação da destruição com o sistema econômico ligado ao capitalismo.

Diante do Antropoceno/Capitaloceno, colocamos na convocatória do dossiê as seguintes questões: qual seria o papel crítico e criativo das artes vivas? Que relações têm e podem ter as práticas do corpo e da cena com projetos que dão visibilidade e sensibilizam sobre

o Antropoceno/Capitaloceno? Quais práticas formais, temáticas e/ou metodológicas de criação artística são realizadas em diálogo com uma perspectiva ecológica? Quais práticas pedagógicas de artes vivas ambientalmente implicadas estão sendo realizadas? Como imaginar e inventar artisticamente outras relações com as vidas animais, vegetais, fúngicas e humanas? Quais ações no campo das artes germinam outros mundos?

A partir dessas questões, o dossiê recebeu artigos, relatos e dramaturgias de pessoas artistas, pesquisadoras e professoras. Os textos recebidos e selecionados são provenientes de diferentes experiências, paisagens e territórios e demonstram a diversidade e a complexidade das pesquisas nesse campo.

Pela variedade dos textos recebidos, podemos perceber que o campo de pesquisas sobre as artes vivas e o Antropoceno/Capitaloceno é atravessado por uma série de questões ontológicas. As pesquisas são caracterizadas por se interrogarem o que é a crise climática, o que são artes vivas e o que seria o próprio conceito de Antropoceno ou Capitaloceno. Inclusive, com questionamentos das lógicas coloniais e propostas de aprofundamento da crítica através de conceitos como Plantationceno, que implica a monocultura da colonização como fundante da catástrofe climática, e Negroceno, que implica a lógica escravista como fundante do desastre ambiental. A partir desses pontos de vista, a questão do Antropoceno/Capitaloceno não pode ser desvinculada da questão da justiça social. Refugiados climáticos e racismo ambiental passam a se tornar conceitos de conhecimento obrigatório para aqueles que querem discutir a questão à altura da sua relevância histórico-geológica.

Assim, os textos publicados nos dois números de dossiê se caracterizam por terem temáticas interdisciplinares e por terem uma multiplicidade de modos de relatar e teorizar práticas de pesquisa implicadas com os mais-que-humanos, com as culturas não antropocentradas e com os territórios. No segundo número do dossiê, temos os seguintes textos:

O artigo “Sonhar em ato: proposições performativas para dançar a profundidade onírica” é apresentado por Giovanna Malpighi e Bianca Scliar Cabral. As autoras investigam a experiência do sonho a partir de uma abordagem transdisciplinar que articula artes performativas, filosofia e neurociência. O texto parte de um laboratório em movimento dedicado às enunciações do sonho e dialoga com a teoria neurofenomenológica de

Solomonova e Wei (2016), bem como com as reflexões de María Zambrano sobre a dimensão onírica da razão. A partir dessas referências, as autoras desenvolvem uma pesquisa voltada à criação de proposições performativas para corpos sonhantes, explorando o sonho como um campo de investigação estética e corporal. A profundidade onírica é compreendida como protagonista de processos criativos que emergem do afeto corporificado, sugerindo modos de dançar e pensar o sonho para além de sua dimensão exclusivamente mental.

Em “Aparições: estudos estranhos e corpos emergentes frente às violências do Antropoceno”, André Bocchetti propõe pensar o estudo como uma prática especulativa capaz de criar e desmontar corpos, abrindo espaço para modos de vida que resistem à insensibilidade produzida pelo Antropoceno. Mais do que um procedimento intelectual, estudar aparece no texto como uma prática de emaranhamento, um modo de construir socialidades entre humanos e outros-que-humanos. A partir de uma abordagem de pesquisa-criação, o autor investiga as condições de surgimento das chamadas aparições — criaturas fabuladas que emergem da relação entre corpos, vestígios e narrativas. Essas figuras não são apenas imagens ou personagens, mas formas de presença que carregam histórias e experiências capazes de deslocar percepções sobre o mundo contemporâneo. Ao acompanhar esses processos de emergência, o artigo sugere que as aparições funcionam como dispositivos sensíveis para imaginar e experimentar outras maneiras de existir em meio às ruínas de nosso tempo. Entre práticas vestigiais, fabulações e experimentações corporais, o estudo torna-se, assim, um campo de invenção compartilhada, onde novas formas de relação entre corpo, memória e ambiente podem surgir como gestos de resistência diante das violências ecológicas e políticas do presente.

O artigo “Compostagem para um solo fértil: processo e poética no espetáculo galhada” de Alice Stefânia Curi apresenta aspectos do processo de criação da peça solo galhada, em tempos de fissura, desenvolvida a partir de um trabalho colaborativo que articulou diferentes campos da cena, como dramaturgia, visualidade, atuação, movimento e sonoridade. A autora propõe a metáfora da compostagem para pensar essa criação coletivizada, na qual as funções artísticas deixam de ser estanques e passam a se misturar, permitindo que matérias, perspectivas e alteridades inventivas e críticas se atritem e se transformem em uma espécie de “humosidade cênica”. Essa imagem dialoga diretamente com a temática do espetáculo, que aborda os processos de devastação em curso no Antropoceno. Em cena, a obra mobiliza

princípios de dramaturgia atorial e elementos da peça-palestra, configurando uma poética performativa que coloca em fricção pesquisa corporal, música ao vivo, sons pré-gravados e imagens em vídeo, compondo um dispositivo cênico híbrido que articula reflexão, presença e experimentação sensorial.

“Jeroky: gesto de um corpo filosófico”, de Irene Milhomens, parte da reflexão sobre o termo guarani jeroky, frequentemente traduzido como dança, mas que carrega um sentido mais amplo e complexo do que aquele presente nas concepções ocidentais de movimento. A autora investiga jeroky como um gesto que articula pensamento, corpo e conhecimento, propondo o amor pelo saber como uma postura simultaneamente filosófica e poética, marcada pela abertura ao espanto, à surpresa e à experiência da queda. Nesse horizonte, emerge a noção de corpopsentimento, entendido como uma forma de pensamento encarnado que produz movimento e criação. Assim, jeroky aparece como um broto que se faz surgir, um movimento flexível e vivo que nasce da relação entre corpo, sensibilidade e mundo, configurando uma prática que desloca fronteiras entre filosofia, dança e experiência existencial.

“O que dizem as aranhas: educação somática e presença vital”, de Dani Lima, propõe uma reflexão sobre a importância de uma educação somática capaz de reconectar o corpo com seus próprios saberes, considerando suas materialidades e sensibilidades como fontes de conhecimento. A autora argumenta que essa reconexão pode ativar um erotismo vital, entendido como uma força criadora capaz de abrir novos modos de existência para além daqueles estabelecidos pela tradição civilizatória moderna. O texto desdobra questões desenvolvidas em sua tese de doutorado, investigando como uma poética performativa da matéria corpórea pode contribuir tanto para o pensamento quanto para a arte contemporânea. Dani Lima propõe uma abordagem que articula anatomia, corporalização e saber celular como caminhos para uma educação somática comprometida com a transformação das formas de presença e de atuação do corpo no mundo. O artigo sugere que práticas corporais e artísticas podem operar como gestos micropolíticos capazes de reconfigurar as relações entre corpo, ambiente e modos de vida, tanto no campo da cena quanto nas experiências cotidianas.

Em “Corpo-território em denúncia: artes vivas de insurgência Amazônica contra o Antropoceno/Capitaloceno”, José Raphael Brito dos Santos e Karina Mateus da Silva analisam o processo de criação da performance Aparição Vomitada, realizada na cidade de Itaituba (PA).

Situada no contexto da chamada “cidade pepita” e do discurso recorrente “garimpeiro não é bandido, é trabalhador”, a pesquisa investiga as tensões entre corpo e cidade na Amazônia urbana, evidenciando como práticas artísticas podem operar como formas de denúncia e resistência diante das dinâmicas extrativistas que marcam o território. Vomitar emerge como uma ação estética e política de recusa, capaz de tensionar as narrativas hegemônicas que sustentam o imaginário do progresso associado ao garimpo. Essa contribuição evidencia como as artes da cena amazônicas podem produzir formas de pensamento e sensibilidade que denunciam os impactos da devastação ambiental e afirmam outras possibilidades de relação entre corpo e território.

Em “Quando a chuva passou: enchentes no Rio Grande do Sul e desdobramentos curriculares”, Eriam Roberto Schoenardie traz um relato reflexivo diante de sua atuação junto a estudantes de 7º ano do Ensino Fundamental no cenário específico pós-enchentes no Rio Grande do Sul. A discussão trazida entrelaça as escolhas curriculares e o contexto atual abordando questões como hierarquias de classe, desigualdades sociais e justiça ambiental. A partir da apresentação e reflexão de práticas desenvolvidas em sala de aula, o autor reforça a necessidade de investimento pedagógico para ampliar a compreensão e visão crítica das/os estudantes acerca de sua própria condição social, do contexto em que se inserem e das reverberações da ação humana em relação às desigualdades sociais e prejuízos ambientais.

No artigo “Imaginando corporeidades vulneráveis no Capitaloceno: a criação de 2415 e Movimentos Tentaculares”, Marcela Pereyra Páez e Juliana M. R. de Moraes discorrem sobre estes processos de pesquisa e criação em dança relacionados com não humanos. Movimentos Tentaculares é uma pesquisa em prática de movimento a partir das minhocas e das referências de Klauss Vianna, Martha Graham e Zélia Monteiro. 2415 é o espetáculo criado a partir da pesquisa de movimento que se caracterizou pelo uso de um cenário com grandes mantas plásticas e pelo figurino com doze tentáculos acoplados ao corpo da performer.

O relato intitulado “Práticas performativas para perceber e responder ao Antropoceno no ensino fundamental”, de Giorgio Zimann Gislou, expõe uma experiência de estágio que utilizou como metodologia a concepção triangular de ensino da arte, de Ana Mae Barbosa, e diferentes referências artísticas, a exemplo de Francis Alÿs. As atividades desenvolvidas levantaram as perguntas sobre as potencialidades e os problemas de refazer performances na escola e como

conciliar a transgressão inerente à prática de performance com as regras do ambiente escolar.

Em “Perceber-fazer florestas com mesas de trabalho em tempos de ruínas e precariedades”, Susana Oliveira Dias, Tiago Amaral Sales, Emanuely Miranda e Mariana Vilela nos apresentam o relato de uma experiência artística que busca aguçar nossa percepção do funcionamento de florestas para criar propostas cênicas performativas chamadas “mesas de trabalho”. Estas mesas propõem experimentar um funcionamento simbiótico em uma proliferação de múltiplos modos de existir junto a partir de contextos cotidianos. O relato leva os leitores para uma vivência artística que documenta as possibilidades artísticas nela vivenciadas como tentativas de borrar a fronteira entre ser humano e o mundo animal e vegetal, num gesto ao mesmo tempo lúdico e reflexivo.

Em “Projeto Respiradores: arte e educação em performance no Antropoceno”, Francisco de Paulo D’Avila Junior apresenta o Projeto Respiradores, como prática artístico-pedagógica voltada a estudantes do Ensino Fundamental II. O projeto tem a importância de propor práticas que integram arte, educação e sustentabilidade para o público específico de estudantes e para o espaço específico das escolas. A metodologia da pesquisa é qualitativa, delineada como estudo de caso, fundamentada em registros audiovisuais e observações do professor-artista. O referencial teórico integra a ecosofia de Félix Guattari e os estudos da performance de Richard Schechner e Gilberto Icle. O projeto possibilita que grupos de estudantes tenham uma experiência de artes ciências com sensibilidade crítica, consciência ecológica e engajamento coletivo.

A dramaturgia “*Jasão Vegetal Corpo Adubo*”, de Stephan Baumgärtel, apresenta uma releitura do mito grego de Jasão, que na concepção clássica narra a jornada patriarcal de Jasão em busca da conquista de uma relíquia, o Velocino de Ouro, para ascender a um trono real ocupado pelo seu tio, Pélias. Na releitura apresentada pelo autor, Jasão possui características de coach redpill pós-moderno e as elucubrações dúbias desse homem são comentadas por uma dimensão Vegetal, que observa o debater-se e justificar-se do herói com o distanciamento de quem apenas espera seu corpo morto virar adubo.

Recebido em: 15/04/2026

Aprovado em: 15/04/2026



Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br